

**ESBOÇO DE UMA CRÍTICA À EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA:  
A QUESTÃO DA INSTRUMENTALIDADE**

**OUTLINE OF A CRITICISM OF BRAZILIAN PHYSICAL EDUCATION:  
THE QUESTION OF INSTRUMENTALITY**

**ESQUEMA DE UNA CRÍTICA A LA EDUCACIÓN FÍSICA BRASILEÑA:  
LA CUESTIÓN DE LA INSTRUMENTALIDAD**

Renato Sampaio Sadi<sup>1</sup>

**RESUMO:**

O ensaio analisa a Educação Física, a partir das contradições da formação, do currículo e da prática profissional. Para tanto, serve-se da questão da instrumentalidade na realidade brasileira. (e alguns aspectos da realidade portuguesa) Destaca os subtemas das diretrizes curriculares nacionais, da base nacional comum curricular e da integralidade da escola. Conclui por uma refundação da área de Educação Física.

**Palavras-chave:** Educação Física; Formação; Currículo

**ABSTRACT:**

The essay analyzes Physical Education, based on the contradictions of formation, curriculum and professional practice. For that, it uses the question of the instrumentality in the Brazilian reality. (and some aspects of the Portuguese reality) It highlights the sub-themes of the national curriculum guidelines, the common national curriculum base and the integrality of the school. It concludes by refunding the area of Physical Education.

**Keywords:** Physical Education; Formation; Resume.

**RESUMEN:**

El ensayo analiza la Educación Física, a partir de las contradicciones de la formación, el currículo y la práctica profesional. Para eso, utiliza la cuestión de la instrumentalidad en la realidad brasileña. (y algunos aspectos de la realidad portuguesa) Destaca los subtemas de las directrices curriculares nacionales, la base curricular nacional común y la integralidad de la escuela. Concluye refundando el área de Educación Física.

**Palabras clave:** Educación Física; Capacitación; Reanudar.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). <http://orcid.org/0000-0002-7449-2760>.  
[renatosampaio63@gmail.com](mailto:renatosampaio63@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

A análise histórica da lógica marxiana sobre o capitalismo, desdobra-se na particularidade de seu desenvolvimento. “A anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco” (MARX, 2015). Em outras palavras, “somente quando uma forma mais complexa se desenvolve e é conhecida é que se pode compreender inteiramente o menos complexo; é o presente pois que esclarece o passado” (NETTO, 2011, p. 48).

Com tais lentes em perspectiva, como interpretar os conhecimentos da formação e do currículo superior de Educação Física (EF), na contemporaneidade? Mais: a partir de uma separação de campos de análise, como planificar a crítica ao velho mundo, com vistas à construção de um mundo novo, pertinente à EF no futuro? Para digerir a ideia de uma EF, que poderíamos considerar atrasada, como a Brasileira, é preciso aceitar a realidade da escola degradada, sucateada e sem perspectiva e, ao mesmo tempo, idealizá-la em novas roupagens. O fosso entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos é um dos pontos de partida, nas considerações a respeito da instrumentalidade, descritas na sequência.

A globalização como processo econômico, geopolítico, tecnológico e, provavelmente, irreversível, também ocorre em variadas formas culturais, por meio da disseminação de práticas, costumes e convivência entre povos. Países ricos e pobres compartilham a sua cultura seja com ênfase ocidental ou oriental. Assim como a questão climática, há polarizações entre etnias e crenças religiosas, todavia, em todos estes feixes globalizados, o esporte reconstitui o simbolismo da *pangeia*, o continente do tempo da criação, um todo que une os contrários. (GARCIA, 2015)

Nesta lógica, a ideia *menos trabalho, mais gente a trabalhar, menos stress, mais produtividade e lazer* parece ficar mais próxima dos portugueses do que dos brasileiros. As qualificações de recursos humanos conjugadas com competência, talento e investimentos estratégicos é uma questão que depende, permanentemente, de ensino, intervenção, pesquisa e inovação. Como orientação geral para os brasileiros, a estratégia dos portugueses, no campo da motricidade humana, do desporto e da EF é a valorização das humanidades, da filosofia, da história, da cultura e das artes como fundamentos indispensáveis.

## 2 MÉTODO

Para elaborar este esboço de crítica, os campos foram separados em: 1) EF como área acadêmica, vida universitária, pensamento sobre a formação, o currículo e a prática profissional; 2) EF como prática social, aula, treino, senso comum. A unidade da análise

qualitativa, em geral, foi costurada com questões nodais como pertinência, mediação e acúmulo. (VAN ZANTEN, 2004) Utilizamos, como substrato teórico, o legado marxiano e marxista. (MARX, 2015) Observar para generalizar e tirar proveito de conhecimentos consolidados indica, portanto, um primeiro traço do caminho teórico-metodológico. Para perceber as nuances que os sujeitos cravam na área e unificá-las em torno de uma crítica não aligeirada, o percurso metodológico pinça, também, um segundo traço, que são os determinantes subjetivos e adjacentes na ligadura de raciocínio não linear. A análise de discurso acadêmico e a experiência profissional na área, incluem o retorno as fontes primárias, textos clássicos, a convivência acadêmica, os contrastes entre a convergência, divergência e a flexibilidade no trato com as pessoas. No que se refere à instrumentalidade, não se trata apenas de técnicas e aportes instrumentais de ação ou discurso, mas de arsenal combativo e explicativo da realidade que cerca a maioria do povo. Ocorre que, em contraposição à totalidade social, a instrumentalidade rema a favor do negativo, isto é, contra o trabalhador e as classes que vivem do trabalho; dessa forma, para os propósitos da presente exposição, tal concepção a aproxima da fragmentação, maléfica à formação, ao currículo e à prática profissional.

### **3 HOMEM, FORMAÇÃO, MOTRICIDADE, DESPORTO, CURRÍCULO**

A EF possui raízes históricas e concepções que nem sempre explicam a atual realidade. Poderíamos hoje, em uma rápida equação, (*formação + emprego = qualidade*) ter um vasto conjunto de profissionais competentes e motivados, além da criação de outras rotas de serviços corporais, esportivos, etc. Substantivamente, não é o que ocorre. Muito desta resultante negativa é o próprio capitalismo pandêmico e destruidor que, em cascata, devasta o mundo do trabalho. (ANTUNES, 2022) Os empregos mais densos e estáveis nos setores público e privado respondem por pouca gente e são derivados da meritocracia em detrimento da gestão democrática e popular.

Na modernidade, por exemplo, é possível verificar uma distribuição, por classes sociais, das principais atividades relacionadas à EF. Brincadeiras, jogos, danças, lutas, ginásticas e esporte formavam à época, na história da disciplina, a identidade de currículos e conteúdos, dentro dos primeiros cursos superiores da área. A disciplinarização da história da EF segue um compósito doutrinário que abarca civis e militares. (FIGUEIREDO, 2016)

O enriquecimento de classes privilegiadas, o status social e sua manutenção, a reserva de mercado, a exclusão, assim como o preconceito racial, de gênero e ideológico eram

características embutidas neste processo. É sabido que a burguesia buscou situar as instituições militares, médicas, religiosas e esportivas a seu favor, ao mesmo tempo em que criou estantes e anteparos para outras classes participarem destes espaços. Negociou valores objetivos e simbólicos com o domínio da propriedade, do poder do dinheiro, das finanças e das crises. (CHESNAIS, 2013) Investiu em edificações, equipamentos e aparatos; condicionou trocas; dispôs-se a juntar forças, por dentro do Estado, ora por interesse próprio, ora como forma de desenvolvimento.

O domínio burguês que comanda Portugal é reduzido em número de pessoas e intenso em termos de concentração de renda. Cerca de mil indivíduos, ou 0.01% da população constituem a alta burguesia; estes são acompanhados por 300 mil proprietários, isto é, os 3% que se seguem na estrutura piramidal (LOUÇÃ; LOPES; COSTA, 2014) O tecido social ao redor desta hierarquia dissipa a reprodução do capital e chega à Universidade. Formação, currículo e prática profissional, são, portanto, arenas de disputa, nas quais o poder simbólico, autoritário ou democrático se faz valer. O percurso curricular português é avançado: 5 anos de formação inicial (no Brasil, basicamente, são 4 anos). Não apenas o tempo de integralização, a nomenclatura, o conteúdo de disciplinas e atividades serve de parâmetro para a comparação, mas, fundamentalmente, o tratamento das humanidades, da cultura e das artes como base formativa seguem formatos diferentes.

#### **4 A INSTRUMENTALIDADE DO CURRÍCULO SUPERIOR DE EF FACE AO REORDENAMENTO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.**

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de EF no Brasil evidenciaram o caráter fragmentário da formação e, contraditoriamente, ofereceram pistas para provocar mudanças. (DCNEF, 2018) Em detrimento de uma formação ampliada e articulada, utilizou-se uma racionalidade instrumental seca, a instrumentalidade como suposto critério salvador, ou seja, uma modelação apriorística, embalada em discurso pós moderno: lançou-se ao mar, a triste realidade de país dividido e periférico, o que induziu (e continua a induzir) o pensamento abstrato, a relativizar, homogeneizar e pôr *panos quentes* sobre as agudas contradições do povo. Tudo isso para *dourar a pílula* e passar a ideia de uma política consensual possível, juntamente com um suposto esforço coletivo.

O que os empreendedores/proprietários buscam, por meio de capitais dispersos, são oportunidades de espectros/esferas inéditas de invasão ou áreas virgens, a juros baixos. Como



o capitalismo é expansionista, por natureza, suas novas fronteiras incluem, formações pré-capitalistas, consumo bélico e ampliação indeterminada. (LUXEMBURGO, 2021) Ainda que indiretamente, as novas propostas curriculares destilam doses de ganância empresarial. Com a voracidade de um leão, a objetivação revigorada por novas fatias de mercado torna-se agregadora ao processo civilizador de revalorização. Isso ocorre em diversos setores, entre eles a Educação e a EF, em todos os níveis. Sensibilidades são anestesiadas para a promoção de *consensos não consensuais*. Desejos e necessidades são (re)criados e a capacidade de produção e circulação de mercadorias, revigoradas. A concorrência geral do sistema capitalista empurra os capitais ociosos para uma permanente substituição de mercadorias e serviços. *Dourar a pílula* é mais do que um simples empacotamento: é a essência da atual *instrumentalidade da EF*, um processo altamente sofisticado, alienante e enganador. Em última análise, formam-se profissionais para reproduzir tal processo.

O esboço de crítica que estabelecemos como parâmetro para pensar a área, busca construir bases alternativas, muitas delas, fora das restrições impostas pelo nome EF. O excesso de generalidade (e quantidade) das diretrizes nacionais curriculares pode reforçar a baixa densidade cultural às novas gerações. Ainda que a profissão EF receba a sujeira da indústria cultural, seria preciso elevados investimentos na formação cultural, com seta contrária aos ditames do lixo tecnológico. A realidade informa que, os jovens de hoje, assimilam mais faíscas do que luzes. Então, a luta por uma melhor qualidade, deve, pois, rejeitar o caráter fosco e retilíneo de modismos culturais, pulverizados no senso comum.

A falta do trabalho coletivo por subáreas, talvez seja, um problema pouco enfrentado. Reféns do formato tradicional de disciplinas, compartimentos e estreitamentos de conhecimento, as subáreas são recortadas em especialidades que quase não se articulam. Tais constatações, conduzem ao convencimento de que a EF ainda não amadureceu. Continua em crise e afirmação de um ego juvenil; continua com a tergiversação de vôo raso, de palavrório cansativo e da taxação óbvia de decretos, regulamentos, resoluções e portarias. As obviedades martelam as cabeças, não as libertam.

Há um projeto de *semiformação* (semicultura) que reina nas cabeças burguesas e pulveriza-se na realidade. É o primitivo e pré-científico com sobreposição ao científico. (ADORNO, 1996) A racionalidade instrumental pressiona a instrumentalidade para o desconforto da burocracia; paralisa a confiança e a motivação dos sujeitos envolvidos; conduz a instrumentalidade para uma ênfase negativa, com obstrução parcial de suas técnicas. Não é

possível, portanto, em pleno século XXI, não ver o sentido anacrônico da EF e aceitá-lo de forma passiva, na Universidade.

A concepção adorniana enxerga a formação cultural como deficitária, ou seja, a *semiformação* dificilmente chegará à formação plena. A crítica repousa sobre o caráter contraditório da cultura; de um lado, a defesa de princípios da então burguesia revolucionária, de outro, a pasteurização, a popularização e até mesmo, a falsificação da formação cultural que acaba por conduzir desproporções, massificações e narcisismo coletivo.

Para Adorno, as relações sociais são petrificadas e, nem mesmo os revolucionários conseguiram inverter. Em nome da liberdade, a cultura tornou-se menos livre, mais confinada, menos socializada, mais satisfeita em si mesma, mais burguesa. Nesta equação, a instrumentalidade é um arsenal teórico-prático, ajustada à procedimentos burocrático-metodológicos, à *luz baixa*, na contramão dos conflitos.

O excessivo número de aulas no lugar da produção de ideias, pesquisa, investigação, criação, trabalho em grupo e trocas sociais, induz à um caráter fortemente destrutivo, em termos de trabalho docente; empobrece a formação, o currículo e a prática profissional. O sucateamento da Universidade pública, gratuita e de qualidade, para além da questão dos recursos financeiros está também aí, dentro deste compósito tóxico e parasita.

## **5 A INSTRUMENTALIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA “BÁSICA”, “COMUM”, “MÍNIMA”**

A área de EF, considerada “chão da escola” e as diversas fragmentações de grupos específicos de professores que a compõem, dentro de uma instituição, também recebe os impactos do nome Educação Física. As palavras “básica”, “comum”, “mínima” apresentam conotação forte, indicando a ideia de “rasa” ou “superficial”.

O aumento gradativo do tempo de permanência do alunado na educação básica para 7 horas diárias, como aposta louvável, queria sugerir, no que se refere à EF, a cobertura de quadras. (BERTRATH; MALAGUTTI, 2020) O esforço de três décadas foi, portanto, buscar inverter uma lógica perversa: de poucas à muitas quadras cobertas entre os anos 1990 e os anos 2020. Todavia, cabe salientar dois aspectos intrigantes: primeiro, que a simples cobertura deve ser acompanhada de projeto pedagógico, afinal, o que será realizado em uma quadra coberta que não pode ser realizado em espaço descoberto e, segundo; quais os contornos arquitetônicos de qualidade, visíveis e diferenciados? Entendemos que ambas as questões

esbarram na formação dos profissionais envolvidos, na sua visão estética e, principalmente no que conhecem do mundo corporal e esportivo que pode ser traduzido para o que se quer – um ambiente renovado, produtivo, enriquecido com conhecimentos crítico-criativos. A simples construção de espaço coberto, destituída desta completude, não possibilita a transformação que muitos almejam.

Apresentados tais pressupostos, o desenho de uma EF cheia de sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas pode ser traçado, ao se levar em conta as ponderações esperanças sobre sua instrumentalidade. Sabe-se que na prática profissional da área, na escola, no clube, nas academias e nos espaços particulares de atividade física, a ideia minimalista de esculpir (e alienar) o corpo, é dominante. Ainda que outras determinações com visão holística, tratamentos e terapias orientais, assim como alguns conteúdos renovados, extraídos de fontes teóricas cuidadosas possam conduzir à totalidade social e ampliação de visão, os sentidos instrumentais que fragmentam o corpo e o seduzem são elevados. Os professores são também, atingidos por meio da não valorização profissional. Além do salário e das más condições de trabalho, o descaso de seu conhecimento, adquirido nos bancos da Universidade, é traço comum entre professores de outras disciplinas, afinal, dizem: EF serve para que? Neste compósito, há embutido a subjetividade da ideia do que serve e do que não serve. Em outras palavras, será a prática destituída de teoria, a prática básica para formação de algo que se torne (in)útil ao trabalho; a prática comum (suja/menor) do futebol, da brincadeira, do nada fazer; a prática mínima do currículo, engajado aos ditames da globalização e do capitalismo financeiro, com as costas viradas ao povo trabalhador.

Seria preciso minimizar os efeitos perversos da racionalidade instrumental para fazer passar uma instrumentalidade, minimamente plausível. O atual sistema educativo privilegia a informação e castiga a imaginação. Para UNGER (2018) uma “nova maneira de ensinar e aprender”, implica em construir um caminho contra o enciclopedismo, o dogmatismo e a decoreba. Para o autor, teríamos que “transformar o espontaneísmo inculto do Brasil, em flexibilidade preparada”. Quatro procedimentos metodológicos são apontados: 1 – Capacitações sobre conteúdos (saber analisar e sintetizar); 2 – Buscar o aprofundamento seletivo à abrangência enciclopédica superficial; 3 – Induzir o trabalho em equipe, incentivando a cooperação na educação básica; 4 – Promover um ensino dialético. O autor afirma que falta uma vanguarda pedagógica, considerada por ele como estratégica para a mudança. Tal vanguarda são os professores criativos, ativistas, co-autores da gestão pública,



experimentalistas e empreendedores). Então, a transformação passa por lapidar esta matéria prima bruta (professores) pouco reconhecida interna e coletivamente. Esta é uma transformação libertadora, revolucionária e produtiva, antenada aos avanços tecnológicos e à riqueza de conhecimentos acumulados.

Nesta direção, em estudo sobre as Escolas de Tempo Integral (ETI) na Alemanha (KAMSKI; SCHMITZ, 2018) identificamos os seguintes pontos fundamentais, esclarecedores e relacionados às propostas de Roberto Mangabeira Unger: tipos de alunado; estruturação do tempo; dimensão organizacional e pedagógica; efeitos positivos e desejados. Obrigatoriedade e livre escolha de atividades convivem no mesmo caminho curricular. Diferentes comportamentos são observados: alunos que voltam para casa depois do ensino regular; alunos que continuam na escola, após a aula, apenas durante o almoço e o intervalo do meio-dia e depois voltam para casa; alunos que usufruem, além do ensino em sala de aula e do almoço, também de um acompanhamento pedagógico de tarefas/deveres de casa, oferecido pela escola em tempo integral; alunos que participam no ensino regular, no almoço, no acompanhamento das tarefas de casa e na oferta de atividades extraclasse; e alunos que frequentam o ensino regular, vão almoçar em casa e retornam à escola para participar das atividades ofertadas no turno oposto. O tempo é um objeto estudado e aplicado para a divisão das atividades. Necessariamente, é uma *ocupação* curricular, se considerarmos o currículo como um processo ampliado de conteúdo e formação. A estruturação do tempo obedece aos seguintes princípios: extensão do tempo; concepção e cooperação; tempo do ensino regular; tempo para acompanhamento pedagógico; oferta de atividade de lazer obrigatória e voluntária; oportunidades ampliadas de aprendizagem; comunidade e aprendizagem social; participação; abertura da escola.

A escola em tempo integral se diferencia da escola em tempo parcial por diversas características, por exemplo, pela possibilidade de distribuição das atividades escolares durante o dia inteiro (manhã e tarde) e de implementação de um novo ritmo para a dia escolar, em que se alternam atividades tensas e de relaxamento (...) Isso, contudo, exige ambientes adequados na escola. A instituição escolar precisa disponibilizar espaços para ensino em sala de aula, atividades sócio educacionais, almoço coletivo, mas também espaços adequados para trabalhos individuais e estudos coletivos, atividades de movimento, de relaxamento, e para experiências sociais. (KAMSKI; SCHMITZ, 2018)

Como se vê, o tema é interligado por questões teóricas e questões técnicas. Limpar tais arestas e definir prioridades é, portanto, não apenas um desafio, mas uma exigência de primeira linha. Para os alemães a ETI abre-se para o mundo. Os alunos enxergam um dia ampliado, escolhem com autodeterminação, quais atividades querem participar. Em uma



palavra, alimentam-se de autonomia. Diferentemente do caso alemão, a atual ETI, existente no Brasil, é apenas uma simples aposta de jornada ampliada que os políticos utilizam para a promoção de uma postura supostamente engajada.

A educação infantil é um exemplo de que na prática, a teoria é apenas discurso. Embora a lógica de formação humana, em consonância com seis direitos sejam elencados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): 1. conviver, 2. brincar, 3. participar, 4. explorar, 5. expressar e 6. conhecer-se, a ideia da cultura como destaque (e o sentido proativo do sujeito aprendiz) nestes conhecimentos/saberes, não pode ser absorvida em uma realidade dramaticamente pobre. A partir desses direitos, a BNCC incrementa sua análise por meio dos campos de experiência, fundamentais para que a criança/jovem possa aprender e se desenvolver, isto é: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BRASIL, 2017). Novamente, o discurso articulado não tem sustentação na prática pedagógica. Faltam, não apenas, professores de EF, mas sobretudo, entrosamento verdadeiro destes profissionais com os demais envolvidos na educação infantil. (SILVA; SILVA; VALE, 2019)

## **6 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS**

Como arrolado, ao longo deste esboço, a área necessita de mudanças radicais: ir às profundezas e/ou sutilezas do conhecimento para projetar o futuro afinal, falamos de uma área do Esporte ou das Ciências da Motricidade Humana? É também crucial, perceber as carências e sensibilidades da EF brasileira, sua permanente busca de objetivação ou afirmação na profissão.

Assumir posição contrária à fragmentação e, ao mesmo tempo, favorável à cultura, implica aos professores, não apenas um envolvimento político, mas sobretudo, teórico, ideológico e de defesa de uma nova profissão. Epistemologicamente, a EF já apresentou passos na direção de um conjunto de saberes articulados dos pensadores que se lançaram neste debate. (GAMBOA, 2016; ALMEIDA; VAZ; BRACHT; 2012)

Como proposta de formação escolar, obteve avanços teórico-metodológicos nas últimas décadas, embora os resquícios de uma prática profissional não convergente à realidade periférica do país, sejam nítidos e pulsantes. A formação humana e desfragmentada de crianças e jovens, com entrada na escola, nos tempos atuais, é um tema absolutamente,

central e estratégico; deve compor o centro dos debates para recuperar estragos e edificar novas bases.

No lugar do negacionismo que opõe Licenciatura e Bacharelado, a defesa do amor, da convivência pacífica, da meditação e da atração suave pode desbravar os caminhos, mas isso depende, fundamentalmente do rompimento com a forma de ser da EF, para, tão logo possível, chamá-la, de pré-histórica. Quem sabe, se com isso, o reconhecimento docente seja o mérito, a vontade e a motivação para o trabalho, como parte da realidade de uma vida cheia de sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas.

Em recente artigo sobre o tema, Manoel Sérgio, professor português, lembrou carta escrita à Lino Castellani Filho, em 1983, na qual afirmava

A vossa cordialidade seduziu-me – sentimento inalterável, mesmo diante da ousadia das minhas ideias acerca da Educação Física (EF). Mas, se bem atender, eu não me refiro em primeiro lugar à EF, porque ela é o produto do dualismo antropológico racionalista, que está defunto, como se sabe. Os três pilares em que assenta a minha filosofia são: o conceito hegel-marxista de totalidade; a intencionalidade da fenomenologia; e o cristão amai-vos uns aos outros como eu vos amei. A minha Ciência da Motricidade Humana (CMH) resulta de um filosofar. (carta a Lino Castellani Filho) (SÉRGIO, 2022)

O que importa não é a nomenclatura da área, mas de fato, o que ela encerra, se faz o debate avançar, recuar ou permanecer onde está. A EF tem alta necessidade de justificação, portanto, excessos ideológicos e reveladores de fragilidade, tanto do ponto de vista teórico-acadêmico, como do ponto de vista da prática profissional, necessitam ser filtrados.

Nesse sentido, a Ciência da Motricidade Humana ou as Ciências do Esporte só poderiam tornar-se consenso entre os brasileiros, se as práticas acadêmicas da realidade fossem revestidas de amplitude e visão estratégica, questão que está longe da idealidade e da própria realidade de muitas Universidades no Brasil. Além de reféns do sentido bipolar da EF Licenciatura e EF Bacharelado, a área é prisioneira de um Conselho Federal não legítimo.

Destacamos, finalmente, a seguinte reflexão: porque não abandonar a pobreza acadêmica que ainda se espalha na EF? do lado da Licenciatura, *sua dedicada desvalorização do indivíduo considerado burguês*. Contra isso são construídos mecanismos de uma suposta defesa coletivista, muitas vezes genérica, vazia e rebuscada com a necessidade de políticas sociais abstratas; do lado do Bacharelado, *o gueto dos profissionais em laboratório, alérgicos ao contato com os de baixo*; aceleradores da produtividade em pesquisa, às vezes com baixa relevância social, talvez, alargadores do fosso existente entre Universidade e Sociedade.

Os professores trabalham com os retalhos da *semiformação*. Na média, lutam como podem. Nada garante que as Ciências da Motricidade Humana ou Ciências do Esporte, sejam, pela simples existência, culturais na essência. Certamente, para uma refundação da área, um longo caminho se faz necessário para que os diálogos sejam promovidos. Novos estudos e debates são nodais e imprescindíveis. Os bloqueios e empecilhos de formação humana plena necessitam de limpeza/oxigenação para abandonar discursos estéreis e transformá-los em políticas efetivas.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Teoria da semicultura. **Educação e Sociedade**, n. 56, 1996.
- ALMEIDA, Felipe Quintão; BRACHT, Valter; VAZ, Alexandre. Classificações epistemológicas na educação física: redescrições. **Movimento**, Porto Alegre, 2012, v. 18, n. 4: 241-263. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/27727>> Acesso em: 22 mai, 2022.
- ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. Boitempo Editorial, 2022.
- BENDRATH, Eduard Angelo; MALAGUTTI, João Paulo Melleiro. O fator infraestrutura em projetos de esporte e lazer em escolas públicas. **Pensar a Prática**, v. 23, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/57081>> Acesso em: 10 mai. 2022.
- BRASIL. BNCC. **Base Nacional Curricular Comum**. Portal MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 18 mai. 2022.
- CHESNAIS, François. As raízes da crise econômica mundial. **Revista Em Pauta: Teoria social e realidade contemporânea**, 2013, v.11, n. 31. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/7556>> Acesso: 12 maio. 2022.
- DCNEF. **Diretrizes Curriculares Nacionais, Educação Física**. 2018. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=104241-rces006-18&category\\_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104241-rces006-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 21 mai. 2022.
- FIGUEIREDO, Priscilla Kelly. A história da Educação Física e os primeiros cursos de formação superior no Brasil: o estabelecimento de uma disciplina (1929-1958). **Tese de doutorado**, UFMG, 2016.
- GAMBOA, Silvio Sánchez. Epistemologia da educação física. **Filosofia e Educação**, v. 8, n. 3, 112, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8647594>> Acesso em: 08 mai. 2022.
- GARCIA, Rui Proença. No labirinto do desporto: horizontes culturais contemporâneos. **Casa da Educação Física**. Universidade do Estado do Amazonas, Belo Horizonte, 2015.
- KAMSKI, Ilse; SCHMITZ, Heike. Características da escola em tempo integral na Alemanha: um olhar analítico. **Revista Brasileira de Educação**, 2018, n. 23. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/4vW7JkywVwMgbRSsvyBxmJk/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 05 mai. 2022.

LOUÇÃ, Francisco; LOPES, João T; COSTA, Jorge. **Os burgueses**. Bertrand Editora, 2014.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Editora José Olympio, 2021.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri Boitempo Editorial, 2015.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. Expressão Popular, 2011.

SÉRGIO, Manuel. Motricidade Humana: qual o futuro? **Motricidade**, v. 1, n. 4, p. 271-283, 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2730/273020412006.pdf>> Acesso em: 08 mai. 2022.

SÉRGIO, Manuel. Motricidade Humana: o itinerário de um conceito. **Motricidades**, v. 6, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2022-v6-n1-p15-25>> Acesso em: 08 mai. 2022.

SILVA, Cinthia Daniele. H., SILVA, Fernando; VALE, Iolene Aparecida S. A falta de professores de educação física na educação infantil: a realidade do CMEI no município de Quirinópolis-GO. **Revista Panorâmica online**, 2019, 27(2). Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/download/855/19192082>> Acesso em: 09 mai. 2022.

UNGER, Roberto Mangabeira. **Depois do colonialismo mental: repensar e reorganizar o Brasil**. Editora Autonomia Literária LTDA-ME, 2018.

VAN ZANTEN, A. (2004). Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização. **Perspectiva**, 22(1), 25-45. Disponível em: <[http://www.elce.uefs.br/arquivos/File/VAN\\_ZANTEN\\_Pesquisa\\_qualitativa\\_pertinencia.pdf](http://www.elce.uefs.br/arquivos/File/VAN_ZANTEN_Pesquisa_qualitativa_pertinencia.pdf)> Acesso em: 02 mai. 2022.